

A LUCTA

Santa Catharina—Desterro—Domingo 17 de Maio de 1885

ANNO I

REDACÇÃO DE JOSÉ RAPOSO

NUMERO 2

EXPEDIENTE

A «Lucta» assignar-se-ha no escriptorio do «Jornal do Commercio», á Praça Barão da Laguna n. 14, á razão de 1\$ por trimestre e de 1\$200 com porte pelo correio, devendo o pagamento ser feito adiantadamente.

Publicar-se-ha duas vezes por semana, ás quintas-feiras e domingos, sendo vendido o numero avulso á 40 rs.

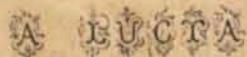
O numero atrazado da «Lucta» custará 100 rs.

Publica-se annuncios a 40 rs. a linha e artigos ineditoriaes a 60 rs.

Ficam encarregados de receber assignaturas para a «Lucta» os seguintes senhores:

Francisco Manoel Cabral, na Laguna e freguezias;

João Carvalho de Mello, no Tubarão.



Desterro, 17 de Maio de 1885.

Ha tempo, o Sr. Dr. Delegado da junta central de hygiene dirigiu um officio ao Sr. Presidente da camara municipal, fazendo ver a essa corporação que os miasmas desprendidos pela immundicie, represada pelo tapume mandado fazer á praia do Menino Deus, era um grande perigo para a saude da população, e, por conseguinte, urgente a

retirada da cerca de taboas, que ali existe.

O Sr. Presidente da camara respondeu que declinava d'essa responsabilidade, porquanto a obra havia sido feitas em que a camara municipal fosse ouvida.

Immediatamente o Sr. Dr. Delegado da hygiene officiou ao Sr. Dr. Presidente da provincia, e este digno administrador ordenou á camara municipal que retirasse a represa.

Era de suppôr que, depois d'isso, fossem logo dadas providencias, afim de que desaparecesse o foco epidemico contra o qual tanto se tem fallado.

Longe d'isso: a camara municipal recebeu a ordem, mastigou, e, afinal, resolveu-se a tirar.....
UMA taboa.

E' sempre assim quando ha pouca vontade ou receio de desgostar amigos.

Tenham paciencia—nós, como não vivemos de condescendencias, e que aqui estamos para advogar os interesses do povo, havemos de bradar:

—A delegacia da junta central de hygiene julgou que *aquillo*, lá, no Menino Deus, é um mal para a população; disse que aquelle *poço* devia de ser aterrado ou tirada a cerca que tolhe a entrada do mar;

Por conseguinte:

—Ou uma cousa ou outra—ou aproveitam a madeira, que acolá está a apodrecer, para algum trabalho util, ou entopem o *abyssmo*.

Eis o dilemma.

O povo soffre com o desenvolvimento dos microbios—pois acabe-se com elles.

COMO NOS RECEBERAM

Os collegas da Imprensa d'esta capital, com a delicadeza que os caracteriza, receberam a *Lucta* de braços abertos, e n'uma expansão amistosa e promettedora de solida confraternisação,

Aos batalhadores, ao lado dos quaes vein collocar-se a *Lucta*, pedindo um lugar na pugna civilisadora, curva-se ella agradecida pela sympathia da recepção.

Bondosos até o fim, concederão os illustrados collegas licença para que passemos para estas columnas as palavras lisongeiras que, como um punhado de perolas, nos foram atiradas.

*

«Ante-hontem, foi dado a lume o 1.º numero da *Lucta*, de cujo proximo apparecimento havia-nos ha dias fallado.»

Este bi-hebdomadario está a cargo do talentoso catharinense José Raposo, um moço já muito affeito ás lides da imprensa.

O melhor garante á existencia da *Lucta* são, por certo, a firmeza de idéas e o animo inquebrantavel de seu proprietario.

Saudamol-a.»

Jornal do Commercio

*

A LUCTA

«O novo jornal que, pela primeira vez, appareceu hontem—*A Lucta*—, independente, segundo o seu programma, sem opinião politica, com

o fim unicamente de defender os direitos do povo, profligar o erro e pugnar pela verdade, inculca o propósito de tomar a si o desempenho de uma nobre e elevada missão, mas difficil e arriscada.

Saudamos o novo paladino, desejando-lhe longa, tranquilla e gloriosa existencia, e que as contrariedades de momento o não entibiem, e as conveniencias de occasião o não transviem do fim a que se dirige, embaraçando-lhe os passos na estrada, que pela sua propria natureza é já escabrosa.

Bem vindo seja.»

Conservador

*

A LUCTA

«Com o titulo acima apparecen ante-hontem á luz um periodico, do qual é redactor o sr. José Raposo.

Desejamos ao novo collega uma longa existencia rodeada de... de assignantes.»

Regeneração

*

«Veio visitar-nos o novo periodico *A Lucta*, que vê a luz da publicidade, nesta capital.

É seu redactor o Sr. José Raposo, moço talentoso, educado nas lides da imprensa da côrte; manejando habilmente a penna, saberá desenvolver as theorias proveitosas para a provincia, defendendo os interesses do povo, sempre ludibriado, entre nós, pelo charlatanismo dos kelês, que pretendem ser os *senhores* de tudo que os cerca.

A Lucta encontra em nós, amigos francos para reforçar, com o nosso contingente, tudo o que fôr em bem da provincia e do povo.

Já pela sua redacção, já pelo seu *desideratum* a *Lucta* achará o apoio em todas as classes sociaes.

Assim o esperamos e desejamos.»

Matraca

*

HIP, HIP, HURRAH!...

«Appareceu a «Lucta».

Por ora... a «Lucta» não lucta mas... luctará.

Portanto á lucta a «Lucta» e... prosperidades, felizes ventos pelos mares da idéa.

Venha de lá esses óssos «Lucta» e...avante, como se diz nos discursos... de animação á gente.

Hip, hip, hurrah!»

Moleque

A «Lucta» agradece ao bom publico d'esta capital a benevolencia com que a acolheu.

Pedimos a indulgencia dos leitores para alguns descuidos de revisão, que escaparam no nosso primeiro numero.

O pouco tempo que houve para a «Lucta» ser composta e impressa motivou a sahida de alguns erros que o leitor illustrado terá facilmente emendado.

Em virtude do pequeno formato da nossa folha e das poucas vezes que é ella distribuida, resolvemos não publicar *folhetins-romances*, substituindo-os, porém, por uma composição litteraria.

Terá assim o leitor, em pouco tempo, uma bella collecção de phantasias, contos, poesias, etc. e por preço mais do que commodo.

Lueraá sempre.

Desordem na romaria

Foi na romaria de Santa Martha que o Thiago fallou pela primeira vez á Margarida do Vinhal. Ella estava encostada ao muro baixo do adro, torcendo entre os dedos, requeimados do sol e adornados de anneis de ouro e de coralina, o lenço de linho grosso, bordado e recortado. Tinha já imposto n'esse dia o terceiro conversado, atirando-lhe com o raminho de balsamina, que trincava enquanto fallava. O rapaz apinhou a offerta, levou-a ao nariz, e, fazendo um olhar d'uma estupidez terna, di-se-lhe baixo:

—Não me dás mais nada, Margarida?

—Que mais queres, demonio?

Elle approximou-se para lhe pedir

um beijo; mas a rapariga deu-lhe com a ponta do lenço na cara, cuspiu para o lado, e, com um tregento altivo de cabeça, mas digno do Lucrecia repellido os galanteios de Tarquinio, respondeu-lhe:

—Tira, lá, bruto!

Ora o Thiago, que estava defronte, encostado ao tronco de uma oliveira, apenas vio a Margarida só, caminhou para ella, disfarçando quanto podia a perturbação. Sentou-se-lhe ao lado, com as pernas bambolantes.

A principio, como não sabia bem o que havia de lhe dizer, começou a assobiar alto, fazendo riscos na terra com a ponta do varapau.

Uma mulher velha, que passou n'essa occasião, com uma bilha de agua segura entre o braço e o quadril, e um copo de vidro lavrado na mão, parou em frente de Margarida, e disse-lhe:

—Vai um copo de agua fresca, minha rosa?

Margarida pegou no copo, e bebeu metade da agua. Quando a mulher ia a despejar o resto, o Thiago pulou de repente abaixo do muro, tirou o copo da mão da velha, e voltando-se para Margarida:

—A menina dá licença? A menina não se lhe dá que eu lhe saiba dos segredos?

Margarida não respondeu. Sorriu-se muito ruborisada, e virou brandamente a cara do lado opposto. O Thiago, então, esgotou o copo, pagou, e saltou outra vez para cima do muro, assobian-do alegre como um merlo.

Áo cabo de alguns minutos, principiou Margarida a responder ás perguntas que o rapaz lhe fazia. O Thiago queria saber de que freguezia era.

—Ora—respondeu ella, olhando-o de revez.—Para que quer voçmecê saber? Sou de Santa Ignacia.

A freguezia distava legua e meia da freguezia do Thiago.

—Então—acudiu elle—a modo que somos vizinhos de ao pé d'porta.

—D'onde é voçmecê—perguntou a rapariga, espantada.

—Eu? sou de Lanfins.

Seguiu-se o momento de silencio habitual d'estas entrevistas.

Deante d'elles, a romaria estava animada. Ao fundo do adro, as barracas do vinho e peixe frito alvejavam á luz forte do sol. Havia um grande borborinho. Á beira das pipas, dançava-se e cantava-se ao desafio. Algumas senhoras da cidade, em cabello, com leques, passejavam lentamente n'um rancho, parando em frente das

moças da aldeia, mirando-as e admirando-as com um certo ar affectado de quem examina um animal inferior. Atraz, os homens sorriam. De vez em quando, um moço atreva os ares! Os cães corriam á tôa, a ladrar, saltando pelas sebes, de flocinhos no ar; e via-se passar uma revoada de passarinhos, fugindo espavoridos para longe...

Thiago propoz a Margarida que fossem dar uma volta pela romaria. Ella, ao principio hesitou; mas, vendo o caminhar, foi-o seguindo silenciosa, succudindo muito a roda das saias e baixando os olhos pudibundos ao chão, sempre que roçava pelos moços de Santa Iguacia.

Anlaram os dois vagamente entre o povo, sem fallar; elle á frente, virando-se continuamente, a ver se ella o seguia; e ella, caminhando sempre atraz, com uma obediencia de cadella passiva e doce!...

Duas pancadas surdas retumbaram no zabumba. Os musicos, que estavam espalhados pelo adro, correram todos ao palanque.

—Vamos vêr a musica? —propoz Thiago.

—Se quer... —respondeu Margarida, levantando para elle os olhos pretos, muito brilhantes.

Tiveram que furar por entre a multidão, que se apinhava em volta do palanque. Thiago atravessava um pouco de esguelha, abrindo passagem com o cotovello e dando sempre a outra mão a Margarida. Assim que chegaram á frente, pararam, um ao pé do outro, sem dizerem nada.

A musica principiou então um preludio arrastado e triste; mas, de repente, como se se arrependesse, saltou para uma valsa muito alegre, obrigata, de espaço a espaço, a rufo de tambor e a pratinhos.

Junto do palanque é que o Thiago e a Margarida fallavam mais á vontade. O sem atreidor da musica obrigava-os a approximarem-se, sem provocar suspeitas; e, por vozes, sem se ouvirem, ficavam a olhar um para o outro, de mãos dadas, n'aquelle estado de perturbação e inconsciencia, que vulgarmente se chama «âmôr». Assim permaneceram, n'uma immobilidade de estatuas, durante muito tempo. Chamados, porém, á realidade prosaica da vida o riso escancarado e alvar d'um rapazinho, que estava por traz de Margarida. A rapariga voltou-se de repente.

—Olhe, disse o garoto, a menina tem o lenço todo pingado!

O Thiago reparou tambem que pela cambraia azulada do lenço, que Margarida tinha na cabeça, corria ainda um fio amarelento de saliva.

—Quem foi? perguntou elle.

O rapaz não respondeu, mas olhou direito para um dos musicos que estava voltado para o varandim do palanque, deixando escorrer do clarinete um fio de aguadilha.

Margarida ficou muito vermelha, lamentando que o lenço lhe ficasse estragado. Diante das queixas da rapariga, e musico sorria. Thiago não teve mão em si; olhou a fito o homem do clarinete, e perguntou lhe com voz tremula de raiva:

—Você de que diabo se ri, seu asno?

O musico, com o clarinete na bocca, as bochechas inchadas, sustentou o olhar do rapaz, empallidecendo.

—O que você precisava—continuou o Thiago—é que lhe partissem a cara!

E o musico, cada vez mais pallido, de olhos cravados no lavrador, continuou a soprar no clarinete, sem dizer palavra.

Margarida, toda afflicta, pediu a Thiago que sahissem d'alli. O musico retirou de repente o clarinete da bocca e disse:

—Logo.

E continuou a tocar, de olhos fitos, meneando a cabeça com gesto ameaçador. Então o Thiago, que ia rompendo a multidão, voltou-se para traz, e rugio:

—Pois sim. Logo ou já, seu maroto!

Logo que a musica findou o Thiago veio postar-se em frente das escadas do palanque. O homem do clarinete, vendo o lavrador, foi direito a elle.

—Tu que diabo estavas alli a gritar, bruto?

Thiago não respondeu. Mediu-o dos pé: á cabeça com um olhar febril. O musico aproximou-se; e, tomando o silencio do lavrador á conta de covardia, insistio:

—Eu devia esfregar-te esses flocinhos.

E, como fosse a levantar a mão, o Thiago descarregou-lhe um murro na na testa, que o fez cambalear. O outro affirmou-se ainda atordoado, e sacou rapidamente do bolso uma sevilhana de ponta e mola. Ia a crescer sobre o Thiago; mas este, recuando um passo, ergueu o pau; e, quando o abateu, o musico cahio redondo para o lado, com a cabeça partida, derramando sangue!

Levantou-se grande alarido no arraial. No ar cruzavam-se os varapius. As mulheres gritavam, refugiando-se na igreja. Thiago, muito pallido, com o musico cahido aos pés, meneava o pau em torno da cabeça. Ninguam se appro-

ximava d'elle. De repente, por entre o povo amotinado, romperam oito soldados, de bayonetas caladas, commandados por um official. Quando se chegaram ao criminoso, Thiago deixou-se prender sem offerecer resistencia. Os soldados cercaram-o, e impelliram-no para a casa da guarda. O preso, no caminho, parou olhando em roda.

—Você quer fugir? bradou com voz aspera o alferes.

—Não senhor, respondeu elle, não quero fugir; quero...

E desatou a chorar, quando, por entre a multidão que o seguia, percebeu Margarida, que esperava vê-lo passar, soluçante, com os olhos marejados de lagrimas!

Durante os primeiros quatro dias, depois da romaria, nas aldeas proximas não se fallava senão na desordem do Thiago. Pelos modos, o musico tinha sido levado para casa n'uma padiola. A paulada tinha-lhe partido o craneo. O medico declarou que a ferida era mortal, se ao terceiro dia a febre não abatesse.

Não morreu o musico; mas o Thiago foi de Santa Martha conduzido entre uma escolta, de mãos atadas, para um enxovia da cadeia da villa. Alli esteve durante tres dias, sem ver restea de luz, abatido para um canto, transido de frio, encerrado entre quatro paredes que escorriam. Ao quarto dia, como o carcereiro informasse que o preso não fazia senão chorar, o administrador compadeceu-se, e mandou recolhê-lo na sala de malta!

ALBERTO BRAGA.

A vol d'oiseau

Baixa em tudo: no thermometro, no barometro, no hygrometro e no...cambio.

Muito frio e pouco dinheiro -- duas cousas irreconciliaveis.

Necessidade de um cobertor, e falta de metal para compral-o.

Felizmente que hontem o sol deu-nos um ar de sua graça.

Oxalá não esfrie.

Um punhado de moços, d'esses que gostam de empregar as suas horas d'ocio em folguedos de que possa o povo tirar pro-

veito, acaba de reorganizar uma sociedade dramatica que, por um triz, não morre ao nascer.

Referimo'-nos á «Associação Dramatica Catharinense» que promette para o futuro umas noites, não de Veneza, mas do Desterro, cheias de muitas scenas «puxadas a sustancia» e para as quaes ha de têr-se flores e palmas até...acabar-se.

O Sr. José de Aranjó Coutinho, homem entendido em cousas de theatro, obsequiosamente prestou-se a ser o ensaiador da *Associação* e, por Deus! ou laboramos em erro, ou irá tudo... á gloria.

Não desanimem os valentes moços — combatam a indiferença e adiante.

—
Temos bugres na terra.

Estamos em plena Lages.

Frei Luiz de Cemitille, com a pachorra evangelica, que deve ser o apanagio de um verdadeiro barbadinho, tanto furo, tanto mexeu, lá, pelo Paraná, que nos arranjou cinco *botocudos*, qual d'elles o mais feio.

Uma consolação para os que não acham noiva pela sua má apparencia physica.

O amarello e os *botocudos* vêm fazer uma terrivel concorrência ao Sr. Crespo.

Aguate-se, que nós *cá vamos...* na nossa terra.

—
O Sr. Dr. José Paranaguá continúa no goso da mais perfeita saude, apesar dos pezares, e do calor em S. José.

—
Entre dous pandegos:

—Viste a *Lucta*?

—Se vi! Aquillo é jornal

para cem annos, e com garantia em todas as sociedades de seguro.

BENTO DOS...

ANNUNCIOS

ALVORADAS

Vae ser editado um volume contendo 100 paginas impressas com mimosas poesias do distincto e moderno poeta catharinense Carlos de Faria.

As pessoas que desejarem possuir as *Alvoradas* podem desde já dirigir-se á typographia e lytographia do sr. Alexandre Margarida, á rua de João Pinto n. 32, e darem os seus nomes, afim de serem annotados.

COLLEGIO SANTA MARIA

INTERNATO E EXTERNATO

DE INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

5 Rua da Paz 5

As aulas d'este collegio funcionam regularmente das 9 ás 6 horas da tarde.

Os Srs. Paes de familia poderão visitar o estabelecimento a qualquer hora do dia, sendo-lhes ahí ministradas as informações que pedirem para a admissão de alumnos.

O director

Custodio Teixeira Raposo

APONTAMENTOS

ORPHANOLOGICOS

Um volume de perto de 200 paginas por

Thomaz A. F. Chaves

Assigna-se á Praça Barão da Laguna n. 32. Preço—3\$000

O MEQUETREFE

HEBDOMADARIO HUMORISTICO, CRITICO, SATYRICO E ILLUSTRADO

56 Rua da Quitanda 56

(CORTE)

Preço das assignaturas para as provincias

Anno 20\$000

Semestre 12\$000

Pagamento adiantado

—
Correspondente da Empreza n'esta provincia

JOSÉ RAPOSO

ADVOGADO

THOMAZ A. F. CHAVES

Praça Barão da Laguna n. 32

GABINETE AMERICANO

3 RUA DA LAPA 3

Sobrado

Impressão de facturas em tinta preta ou de côres, despachos, cartões de visita, ditos commerciaes, recibos de talão, rotulos, etiquetas, etc., tudo feito com brevidade, nitidez e a preços commodos.

RESTAURANT

O proprietario da casa de pasto e restaurant sito á rua do Principa desta cidade, n. 80, faz publico que vende por preço muito commodo este estabelecimento. Quem desejar compral-o, dirija-se ao mesmo proprietario.

CONSELHO AS MAES.

O XAROPE CALMANTE DA SNEA WINSLOW deve-se sempre que os meninos padecem as dentição.
Proporciona alivio immediato ao pequeno paciente; produz hum sono tranquillo e natural, calmando todas as dôres, e logo amanece o angelinho risonho e feliz. E muito agradável ao paladar. Allivia a criança, amollece as gengivas, afugenta as dôres, regula aos intestinos, sendo o melhor remedio que se conhece para a diarrheia occasionada pela dentição ou por outra causa.